[Recensão a] Morand, Isabelle, Idéologie, culture et spiritualité chez les propriétaires ruraux de VHispanie romaine

Autor(es): Alarcão, Jorge de

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/45468>

DOI: DOI:https://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_34_10

Accessed : 26-Apr-2023 11:02:47

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
FACULDADE DE LETRAS

CONIMBRIGA

VOLUME XXXIV – 1995

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

MORAND, Isabelle, *Idéologie, culture et spiritualité chez les propriétaires ruraux de VHispânie romaine*, Paris, De Boccará, 1994.

Apoiada num *corpus* de 138 mosaicos de *villae* hispano-romanas, a autora pretende analisar a ideologia dos grandes proprietários rurais da Península Ibérica. A análise estilística dos mosaicos, tendo em vista a definição de influências e de cronologias, não é isso que lhe interessa; é de uma análise semiótica que se trata: os mosaicos exprimem ideias, e são estas que Isabelle Morand pretende examinar. As comparações judiciosas a que frequentemente recorre têm exactamente por fim esclarecer o significado de uns mosaicos através de outros.

Talvez à obra faltem as referências à expressão filosófica ou literária das ideias. São ocasionais e nada sistemáticas, e por isso mesmo insuficientes, essas referências. Na filosofia e na literatura encontramos uma expressão mais discursiva e por isso mais clara ou menos ambígua da cosmogonia, da ética e da religião, e a obra ganharia com ser acompanhada de um confronto entre expressão filosófica e literária e expressão plástica. Mas a autora é sensível ao significado múltiplo dos temas, à variedade de leituras de que um mesmo tema é passível. “Uma mesma imagem pode ser utilizada a diferentes níveis, sendo o contexto iconográfico em que se situa aquele que permite precisar-lhe o valor” (p. 201).

Se os temas têm um significado, a própria disposição e articulação dos motivos no espaço não é destituída de sentido, como a autora demonstra, por exemplo, com a análise de alguns mosaicos representativos das musas: colocando Pêgaso no centro de uma composição com as musas em posição radial, exprimir-se-ia a ideia de que a filosofia ou a sabedoria está acima das musas ou constitui o resultado do cultivo das artes e das ciências; por outras palavras, o saber conduz à sabedoria.

A obra analisa, em duas partes, a ideologia do mundo e a ideologia do *ego*.

A ideia que os primeiros mosaicos transmitem é a de que o mundo é eterno e ordenado, harmonioso, porque feito de elementos que se não contrapõem para criar o caos, mas se complementam para trazerem *fecunditas* e *felicitas*. Tais mosaicos assumem uma composição centrada e rotativa: têm um painel central, circular ou octogonal, e motivos acompanhantes cuja percepção directa implica que o observador se desloque rente aos muros, em torno da sala, olhando das paredes para o centro do pavimento. Os temas dionisiacos ou marinhos do quadro central exprimiriam a ideia de fecundidade e felicidade da Natureza, porque Baco é por excelência o deus que traz consigo tal fertilidade e porque esta deriva da água; mas Baco e Vénus contêm ainda uma alusão à vitória sobre as forças contrárias à harmonia cósmica, sobre o caos. Se o tema dionisiaco tem frequentemente um significado funerário, de vitória sobre a morte, justifica-se ainda aqui a sua presença quando se pretende exprimir a eternidade do cosmos.

As estações e os ventos são, normalmente, os motivos acompanhantes destes mosaicos. Se eles são “manifestações da harmonia cósmica”, exprimem ao mesmo tempo a ideia da circularidade ou reversibilidade do tempo.

A visão do senhor rural é uma visão optimista: triunfos e cortejos, dionisiacos ou marinhos, representam os deuses vitoriosos; frutos, flores, pássaros e peixes traduzem a abundância da Natureza, eventualmente representada nalguns

mosaicos por uma figura feminina, em busto ou de corpo inteiro, com a cornucopia da abundância ou outros sinais da fecundidade, figura que Isabelle Morand interpreta como “dispensatrice des richesses”.

Se os mosaicos exprimem uma visão do mundo, por outro lado reflectem a ideia que o *dominus* pretendia dar de si mesmo, a sua normativa étnica: a ideia de um senhor cultivado (donde a preferência pela representação das Musas e, ocasionalmente, pela de cenas da *Iliada* e da *Odisseia* ou da dramaturgia antiga), senhor que vivia numa atmosfera de paz (donde a predilecção pelo tema de Orfeu encantador dos animais).

Contraditoriamente, outros mosaicos apresentam temas que parecem glorificar o *furor*, *mania*, o êxtase, o delírio, a paixão. Na realidade, não se trata de uma glorificação do estado passional, mas de uma demonstração de que o homem é feito de *ego* e *alter ego*, de inteligência e alma: se a primeira segue a sabedoria, a alma pode ser desviada pela paixão e cair no *furor*, na inquietação, no sofrimento. A paixão é todavia um estado transitório e a *virtus* “é a força que opõe, à queda na paixão, a recusa de se deixar dominar por ela” (p. 267).

Final, as ideias que os mosaicos das *villae* exprimem não correspondem a uma ideologia, a uma cultura e a uma espiritualidade próprias dos proprietários rurais da Hispânia romana: são ideias de qualquer cidadão romano de bom nível socioeconómico e sociocultural.

Integrada numa corrente, que é já ampla, de autores a quem os mosaicos interessam sobretudo como documentos para a história da cultura, Isabelle Morand produziu uma obra de sólida hermenêutica.

JORGE DE ALARCÃO

GIMENO PASCUAL, Helena, *Artisanos y Técnicos en la Epigrafía de Hispania*, Publicación de la Universitat Autònoma de Barcelona, Bellaterra, 1988. N.º 8 da série «FAVENTIA. Monografies». 98 pp. Sem ilustrações. ISBN: 84-7488-396-2.

Também no domínio do estudo das profissões detém a epigrafia papel fundamental. Nos textos votivos, a indicação da profissão por parte do dedicante revestir-se-á, sem dúvida, duma forma de reconhecimento à divindade: o exercício daquela profissão trouxe prestígio, permitiu a acumulação de riqueza, fomentou bem-estar - e o devoto agradece a bênção recebida. Nos textos funerários - de longe, os mais abundantes neste tipo de informação - a alusão à profissão exercida prende-se preferentemente com o prestígio social adquirido.

Um enorme campo de investigação a palmilhar. Não admira, portanto, que para o recente XI colóquio *L Africa Romana* (Cartago, Dezembro de 1994) se haja escolhido como tema «A ciência e as técnicas nas províncias romanas da África do Norte e no Mediterrâneo». O recurso aos monumentos epigráficos foi fundamental, como se verá nos textos a publicar nas actas.

Quanto à Península Ibérica - depois de artigos vários que abordaram, de modo especial, as profissões liberais - este trabalho de Helena Gimeno, que tem